

Špánková, Silvie; Fonseca, Branquinho da

**Fonseca, Branquinho da (1905–1974): Rio Turvo (1945)**

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 53-54

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130540>

Access Date: 17. 02. 2024

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

## Fonseca, Branquinho da (1905–1974): *Rio Turvo* (1945)

Fui apresentar-me na sala dos trabalhos topográficos e de desenho. Lembro-me da primeira impressão de sono que aquela sala me deu, com os desenhadores imóveis e curvados, como adormecidos sobre os grandes estiradores cobertos de papel branco. Pelas janelas via-se uma densa floresta de velhas árvores. Já não era aquele deserto de areia por onde eu tinha vindo. Fiquei surpreendido. Olharam-me de lado, num olhar lento, quase sem se mexerem, e continuaram, cada um no seu lugar, a traçar, vagarosamente, riscos no papel. Ao pé de uma janela, sentado diante de uma mesa, um velhinho magro, de cabelos brancos, fazia qualquer trabalho com muita atenção. Pressentindo-me, levantou-se e veio, num passo rápido, ao meu encontro. Quando me aproximei, vi que estava a colecionar selos. Era o chefe da sala de desenho, major reformado, vim depois a sabê-lo, com longa e apagada folha de serviços nas colónias. Cumprimentou-me com a mão esquerda e reparei que não tinha o braço direito. Ele, adivinhando, mais do que notando, a minha surpresa, explicou:

- Foi em África.
- Ah!.. Na guerra . . .
- Não, não . . .
- Na caça? ... -emendei precipitadamente.
- Não, não . . .

Calei-me, sentindo subir o calor à cara por tê-lo humilhado assim involuntariamente. Os desenhadores levantaram-se de cima dos desenhos e olhavam-nos agora com um súbita vontade de rir. Mas pareceu-me que ele tinha ficado indiferente aos equívocos, pelo tom e maneira como explicou que tinha sido atropelado por uma bicicleta, acidente a que não dava, decerto, menos relevo e importância do que a um ferimento em combate ou a um ataque de um leão. E era afinal uma opinião defensável, visto que as consequências tinham sido idênticas. Quem pensa que na África só se perdem braços nas guerras ou na caça aos leões, é que é ingénuo. Na verdade, na África também há cidades. (Embora seja preciso um certo esforço de imaginação para as conceber ligadas a este nome em que, como em nenhum outro, ressoa o mistério da selva e a aventura: África!) Também lá há cidades e bicicletas e infecções. O major contou-me todo o episódio em poucas palavras, com uma vaga humilhação a repassar-lhe as palavras, o que me fez remorsos, embora eu tivesse dito aquilo sem nenhuma ironia. Devia ser um equívoco frequente, que o pobre velho muitas vezes teria já desfeito com o mesmo sorriso triste de resignação. Não lhe

pedi desculpa para não acentuar mais o ridículo da situação e para fugir depressa aquele assunto que lhe era penoso. Mas talvez ele não tenha compreendido esta subtileza.

(FONSECA, Branquinho da. *Obras Completas II*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2010, p. 69-70)

**Atividades:**

1. Comente os lugares comuns relacionados com o espaço africano.
2. Aponte em que se baseia a ambiguidade da aventura africana, representada pelo narrador e pelas outras personagens.